

'Fundamentos estão mais sólidos'

BRASÍLIA - "As economias com taxas de câmbio fixas são as mais frágeis diante de uma crise internacional", diz o diretor da Área Externa do Banco Central, Daniel Gleizer. Sem citar a Argentina, que adota a paridade do peso com o dólar e enfrenta grave crise, o diretor insiste que essas economias acabam atraindo capitais de curto prazo.

No Brasil, explica Gleizer, além da manutenção do câmbio flutuante, o governo tem feito um vigoroso esforço para ajustar as contas públicas. O diretor garante que os fundamentos da economia estão muito mais sólidos que no passado e lembra que entre as reformas essenciais que foram feitas está a do sistema financeiro, que hoje é transparente e seguro.

O deputado Delfim Neto (PPB-

SP), que esteve no olho do furacão da crise do petróleo em 1979, concorda que a economia está melhor. Para ele, o preço atual do petróleo não pode ser considerado relevante. Crise mesmo, foi a vivida pelo país quando esteve à frente do Ministério da Fazenda. Na época, o custo do barril, aos preços de hoje, chegou a US\$ 78.

Ele reconhece que o risco da contaminação pela crise sempre existe, devido à volatilidade dos mercados e o movimento de capitais. Ele lembra que o Brasil hoje precisa de US\$ 50 bilhões para renovar suas linhas de financiamento externo e que para reduzir essa dependência é preciso "usar a imaginação para estimular as exportações".

A economia está muito mais robusta, acredita o economista Gus-

tavo Franco, criador do regime de bandas cambiais, e que deixou a presidência do Banco Central em janeiro do ano passado, às vésperas da desvalorização do real. O economista, todavia, tem sérias críticas "para quem pensa que só o câmbio ajustado basta". Ele cobrou a continuidade das reformas da economia, como as privatizações e a reforma tributária.

Já o economista Décio Munhoz, professor da Universidade de Brasília e um dos expoentes do quadro de economistas do Partido dos Trabalhadores garante que o real ainda está sobrevalorizado em relação ao dólar. Segundo ele, a moeda brasileira deveria estar hoje em cerca de US\$ 2,30, para estabelecer um nível de equilíbrio entre os preços internos e externos. (V.C.)